

ENTRE O GROTESCO E O SUBLIME: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO SUICÍDIO NOS CONTOS DE MARIA BENEDITA BORMAN

LISIANI COELHO¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – lisi.coelho83@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – berger9889@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação corresponde a um recorte da tese de Doutorado, em desenvolvimento, intitulada “A trajetória das autoras brasileiras do século XIX a partir da perspectiva das estéticas negativas”. O trabalho investiga, à luz das teorias do grotesco, do feio e do sublime, a obra em prosa de escritoras brasileiras oitocentistas, observando como tais categorias estéticas foram mobilizadas para representar as tensões vividas pelas mulheres em um contexto de forte repressão de gênero.

Entre as autoras em estudo, encontra-se a gaúcha Maria Benedita Câmara Borman (1853-1895), também conhecida pelo pseudônimo “Délia”. Proveniente de uma família influente, mudou-se ainda na infância para o Rio de Janeiro, cidade na qual construiu uma sólida carreira literária e jornalística a despeito das limitações impostas às mulheres de sua época. Sua vasta produção inclui os romances *Madalena* (1879), *Duas irmãs* (1883), *Uma vítima* (1883), *Aurélia* (1883), *Angelina* (1886), *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893), todos protagonizados por mulheres, além de uma série de contos e crônicas. *Lésbia* é sua obra de maior disseminação referindo-se ao processo de resgate das autoras oitocentistas, quando tematiza, por meio da trajetória da talentosa Arabela, a luta feminina por independência no contexto finissecular. Para além da narrativa longa, contudo, os contos de Borman revelam-se igualmente férteis para uma leitura sob o viés das estéticas negativas. Destacam-se, nesse sentido, os contos “A suicida” (publicado em 1890, no *Corimbo*) e “A ama” (publicado em 1884, na *Gazeta da Tarde*), ambos voltados à temática do suicídio de mulheres, denunciando aspectos limitantes da experiência feminina no final do século XIX.

Assim, ao concentrar-se na motivação e efetivação da morte autoinfligida nos contos de Borman, este estudo propõe examinar como a autora articula o grotesco e o sublime na representação do ato, empregando ambas as estéticas de acordo com o contexto de vida de suas protagonistas. O suicídio configura, desse modo, um elemento de ruptura da ordem social – ao introduzir a decisão no âmbito da escolha individual – e como possibilidade de transcendência das personagens. O *corpus teórico* que sustenta esta análise apoia-se, em especial, na definição de sublime feminino proposta por FREEMAN (1995) e de grotesco feminino desenvolvida por RUSSO (1995), permitindo, assim, uma análise que privilegia a discussão da representação literária da experiência de mulheres a partir de uma revisão das categorias estéticas clássicas, reivindicando a sua ampliação, de modo a incluir a perspectiva feminina no campo de estudos em pauta.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada corresponde a uma abordagem qualitativa, técnica de pesquisa essencialmente bibliográfica, que compreende a leitura e a análise

interpretativa dos referidos contos, bem como de material teórico-crítico relacionado à estética do grotesco e do sublime.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “A ama” o leitor é apresentado a Joana, uma escrava descrita como “retinta, sadia, um cão fiel”, que trabalha em uma fazenda nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro. Logo no início descobre-se que a personagem se torna mãe, tendo trabalhado incansavelmente durante todo o período de gestação. Seu filho recém-nascido é definido como um “robusto negrinho”, em clara objetificação do corpo, submetendo-o, assim como sua mãe, a uma avaliação segundo critérios próximos aos utilizados para descrever animais de trabalho no campo. Essa descrição contrasta fortemente com a caracterização do bebê branco ao qual Joana passaria a se dedicar quando fosse designada como ama de leite. O bebê é considerado “franzino, mimoso e cheio de rendas”, logo, sua mãe é representada da mesma forma: uma jovem mulher “bonita e pálida”. De um lado destacam-se características para o trabalho e o rigor da vida rural e, de outro, a fragilidade e a delicadeza de pessoas que não estavam preparadas para uma vida de privações. Esse contraste denuncia a forma como as diferentes raças eram vistas na sociedade, ou seja, como os corpos eram selecionados e identificados conforme a cor.

Ademais, o narrador adota um notável tom de condescendência ao descrever a relação de Joana com a gravidez e a futura maternidade: “É tão singelo e tão profundo o sentir desses pobres seres rudes, voltados ao trabalho e à dor!” (BORMAN, 1884). Tal construção evidencia a perspectiva paternalista que reduz a experiência da personagem à esfera do instinto, negando-lhe qualquer elaboração subjetiva mais complexa. Esse tom é retomado ao longo da narrativa, reiterando essa noção ao contrastar a rudeza da personagem com o afeto que desenvolve pelos dois bebês. A separação entre mãe e filho, quando Joana é escolhida como ama de leite, remete, inclusive, à prática do desmame abrupto dos animais domésticos: “[...] o senhor recebeu carta de um amigo, rogando-lhe que lhe enviasse uma ama em boas condições para amamentar o ilustre descendente de seus vícios. Joana foi escolhida para esse fim [...]” (BORMAN, 1884). A violência do ato é explícita: um bebê de apenas um mês é abandonado sem cuidados maternos em nome de suprir-se as necessidades burguesas.

A narrativa segue acentuando o contraste grotesco para além da relação de hibridismo de reinos e de criação de contradições (entre mães e filhos), como tradicionalmente proposto por KAYSER (2019). Enquanto Joana dedica cuidados à criança alheia, nada sabe sobre o próprio filho, até que se vê diante da dupla tragédia: primeiro, a morte do filho imposto; depois, a morte de seu filho biológico. Incapaz de lidar com tamanha dor, Joana mergulha em alucinações e encontra no suicídio a única saída possível. Em um momento de desvario ela segue sem rumo, perdida em visões, com o peito jorrando o excesso de leite, até que desaparece e “[...] dias depois descobriram o vestígio de seus pés na ribanceira e compreenderam que havia se suicidado. Nenhuma lágrima, nenhuma prece pela pobre mãe cativa, que se libertara da vida e fora procurar o filho no seio da morte!” (BORMAN, 1884). Nesse último ponto observa-se, em adição, o emprego do grotesco tal como formulado por RUSSO (1995): o corpo feminino sendo atravessado pela dor e pela violência social, mas também funcionando como espaço de resistência e de denúncia por meio de seu excesso em termos formais, seus fluídos abundantes e a sua indomabilidade derradeira.

O narrador, afeito aos contrastes tipicamente grotescos, cria um cenário de beleza natural após um período de chuvas – claridade, canto dos pássaros, verde das paisagens, colorido das flores, elementos normalmente associados a episódios positivos – para introduzir o momento em que a personagem se deixa conduzir pela sombra que ronda sua alma. O grotesco, nesse espaço, opera justamente na justaposição entre o excesso corporal e psicológico e a beleza da cena natural, entre a idealização estética e a brutalidade da experiência feminina marcada pela escravidão e pela perda.

Já em “A suicida”, Borman constrói uma atmosfera diametralmente oposta à simplicidade narrativa de “A ama”. O conto passa-se em um cenário cosmopolita, marcado pelo requinte de linguagem e pelas referências a um *status* de poder econômico e cultural (menção a Paris e à escritora francesa George Sand). Esse contexto permite que a narrativa explore a interioridade das personagens, articulando seu sofrimento e desejo de transcendência com as possibilidades estéticas do sublime feminino, conforme definido por FREEMAN (1995), que vê na experiência fragmentada e na dor das mulheres a articulação de um todo que não busca a reconciliação das partes, como tradicionalmente proposto por LONGINO (2015).

Diferentemente de “A ama”, quando duas mulheres se opõem radicalmente, as protagonistas de “A suicida” funcionam como espelhos do mesmo tipo de experiência. A condessa suicida torna-se uma janela para as indagações mais íntimas da segunda personagem feminina, que vive imersa em certos pensamentos sufocantes, variando entre o tédio e o desalento. O relato do autoextermínio da aristocrata, difundido nos jornais da época, surge como objeto de fascínio:

E era uma mulher, o meu estudo predileto, a infeliz protagonista dessa tragédia que, em algumas horas, se tornara a mais comovente e a maior das novidades. [...] Toda a minha curiosidade, ou antes, todo o meu simpático interesse concentrou-se na morta: desdenhei observar o interior do ninho, onde tanta vez penetrara a minha vagabunda imaginação (BORMAN, 2013, p. 44).

A carta de suicídio da Condessa de Barr funda-se em uma erudição profunda e lirismo acentuado, tendo sido reproduzida na íntegra pelos jornais do dia. O cenário que ela mesma encena para o seu suicídio é de natureza estética sublime, quase como uma pintura elegantemente traçada nos fragmentos de uma vida sentida em excesso. O transbordamento das emoções, irremediavelmente censurado pela sociedade, torna-se um sufocamento que, lentamente, envenena a mulher.

Tenho 35 anos, cheguei ao termo fatal da mocidade; nada mais me encanta, nada mais me prende; quero morrer e só essa ideia me dá ainda uma sensação qualquer, talvez a curiosidade do desconhecido. Mulher, artista e histérica, resolvi acabar deste modo. Vesti-me para o baile, porque fico mais bonita assim e por ser este o traje das grandes cerimônias. Quando acabar de escrever irei para o fundo do parque, à esquerda deitar-me-ei corretamente sobre a terra, aspirarei o vidro de clorofórmio e deixarei que a neve, essa coisa tão bela e tão imaculada, seja o meu frio sudário (BORMAN, 2013, p. 45-46).

A maternidade adquire, neste enredo, um papel negativo. Ao contrário de Joana, de “A ama”, marcada pelo instinto materno, aqui a maternidade configura-

se como uma obrigação, causadora de infelicidade e distanciamento entre familiares. A condessa não conheceu o amor materno, o que lhe causou um profundo sofrimento, acentuado pelo casamento arranjado, pela viuvez precoce e por alguns amores efêmeros. O vínculo, em teoria, mais duradouro de um indivíduo, foi corrompido e, assim sendo, as suas relações futuras passaram a ser um reflexo dessa primeira experiência.

Por fim, outro aspecto significativo encontra-se na escolha dos narradores feita por Borman: em “A ama” o enredo em terceira pessoa reforça a estigmatização da personagem; já em “A suicida” as próprias vozes femininas conduzem a trama, sinalizando um lugar social privilegiado, ainda que vulnerável ao peso do patriarcado. Essa diferença formal evidencia a qualidade da escrita da autora, que é capaz de selecionar diferentes contextos e acentuar a denúncia social a partir de fragmentos presentes neles, lançando mão de recursos estéticos igualmente contrastantes ao tratar da mesma temática.

4. CONCLUSÕES

A leitura comparativa dos dois contos permite observar a amplitude narrativa de Borman, que, ao lançar mão de recursos estéticos contrastantes, revela a pluralidade de formas pelas quais a literatura pode retratar a condição da mulher e denunciar, de modo velado ou explícito, os seus desafios em uma sociedade que as tratava como autômatas, sempre dispostas a obedecer sem questionar. Nesse sentido, a obra revisitada da autora, em diálogo com perspectivas teóricas que privilegiam a experiência de escrita e representação de mulheres, contribui para repensar os modos de inscrição das autoras no cânone literário brasileiro, sobretudo quando se reconhece o potencial crítico das estéticas negativas como instrumentos de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORMAN, M. B. **A ama**. *Gazeta da Tarde*. Edição 0025, 1884. Acessado em 21 jul. 2023. *On-line*. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&pagfis=3343>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- BORMAN, M. B. **A suicida**. In: CAMPELLO, E. T. A. O suicídio em contos de Maria Benedita Borman. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, SE, v. 3, 2013. *On-line*. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1084>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- FREEMAN, B. C. **The feminine sublime**: Gender and Excess in Women’s Fiction. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995.
- KAYSER, W. **O grotesco**: configuração na pintura e na literatura. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- LONGINO, D. **Do sublime**. Tradução Marta Isabel de Oliveira Várzeas. Coimbra: Imprensa Universitária de Coimbra, 2015. E-book. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38162>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- RUSSO, M. **The female grotesque**: risk, excess and modernity. New York; London: Routledge, 1995.